

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS -
UNCISAL**

MESTRADO PROFISSIONAL ENSINO EM SAÚDE E TECNOLOGIA

JOYCE KELLY FERREIRA DA SILVA

Crônica: O mesmo banco, uma nova história.

MACEIÓ

2026

JOYCE KELLY FERREIRA DA SILVA

Crônica: O mesmo banco, uma nova história

Crônica apresentada para a disciplina de SUS como Escola do Mestrado Profissional Ensino em Saúde e Tecnologia turma IX, ano 2025, sob a orientação de Prof. Dr. Augusto Cesar Alves de Oliveira e Profa. Dra. Edna Pereira Gomes de Moraes.

MACEIÓ

2026

O mesmo banco, uma nova história.

Era segunda-feira, e Dona Lúcia acordou antes do sol nascer. Não porque quis, mas porque a ansiedade não deixou dormir. Precisava chegar cedo à unidade básica de saúde, enfrentando os horários incertos do transporte.

Havia chegado há pouco, após um longo trajeto, e acomodou-se no banco de cimento recém-pintado, de onde ainda emanava o cheiro fresco da tinta, segurando a bolsa contra o peito. Ali dentro estavam os documentos e também um cansaço antigo, daqueles que não passam com descanso.

Ao seu lado, Maurício, seu filho de seis anos, balançava o corpo repetidamente. O barulho das pessoas, as vozes sobrepostas, os passos apressados, tudo parecia atravessá-lo de um jeito que ninguém mais sentia. Lúcia observava em silêncio, já acostumada aos olhares. Alguns curiosos. Outros, duros demais.

Por muito tempo, disseram que era fase. “Falta de limite”, “falta de educação”. Palavras que foram ficando, uma a uma, guardadas dentro de Lúcia.

Mas foi ali, ao chegar na unidade, que algo começou a mudar. Lúcia foi direcionada para Márcia, a assistente social que não apressou o olhar. Que enxergou Maurício e, pela primeira vez em muito tempo, enxergou ela também. Com a ajuda de Márcia, vieram as avaliações, os encaminhamentos e as orientações da equipe multiprofissional.

Depois, o diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista. O nome assustou. Mas também explicou. Aquilo que era uma nuvem cinza, agora tinha nome e possibilidade de ajuda. Junto com o medo, veio um alívio silencioso.

Com o diagnóstico, novos desafios surgiram: A dificuldade na marcação para as terapias multidisciplinares pelo SUS e a necessidade de tratamento medicamentoso com a Risperidona.

Remédio?! Para uma criança tão pequena?

Lúcia hesitou.

Após mais um dia cansativo, os desafios não pararam à noite. Maurício chorava sem parar. O corpo tenso, as mãos agitadas, como se o mundo fosse grande demais para ele. O choro atravessava a casa e parecia atravessar Lúcia também.

Sentada no chão, ao lado dele, ela tentava acalmá-lo, falando baixo, segurando suas mãos, mas nada parecia suficiente.

O tempo passava lentamente.

Já de madrugada, o cansaço venceu e Maurício finalmente adormeceu, foi um sono pesado, interrompido por pequenos movimentos.

O silêncio que ficou não era paz. Era exaustão.

Foi nesse momento que Lúcia pegou a receita.

Olhou o nome mais de uma vez e pensou:

Remédio?! Para uma criança tão pequena?!

A dúvida pesava. O medo também.

Mas as explicações da equipe voltaram à sua mente: não era uma cura. Era uma ferramenta. Um apoio.

Finalmente uma etapa do tratamento foi iniciada: A medicação, risperidona, começou a fazer parte da rotina do pequeno Maurício e com ela, menos crises e um sono mais tranquilo. Mas apenas o medicamento não estava sendo suficiente.

Após longas semanas de espera, as terapias foram iniciadas.

Gratuitas. Disponíveis. Possíveis.

O tempo passou e, com ele, pequenas/grandes mudanças começaram a aparecer. Maurício passou a tolerar melhor as transições. Naquela manhã, o café já não tinha o gosto amargo dos dias de medo e incerteza. Tinha gosto de calma, ainda pequena, mas suficiente para fazê-la acreditar em dias mais leves. Maurício passou a tolerar melhor as transições. As crises diminuíram ainda mais. Entre um momento difícil e outro, começou a surgir algo novo:

Espaço.

Espaço para aprender. Para interagir. Para ser compreendido. Na sala de terapia, conseguia ficar por mais tempo. Na escola, ainda haviam desafios, mas agora também haviam avanços.

Em casa, os dias já não eram sempre tempestade.

Lúcia entendeu, pouco a pouco, que o cuidado não vinha de um único lugar. Era uma construção. Uma rede feita de profissionais, escuta, tentativas, erros, acertos e, quando necessário, medicação.

Entendeu também que o SUS, para muitas famílias, é onde tudo isso se torna possível.

Numa outra segunda-feira, ao sair da unidade com a medicação em mãos, Lúcia percebeu que algo tinha mudado.

Não era só sobre o tratamento.

Era sobre não estar mais sozinha.

Passou novamente pelo banco de cimento.

Dessa vez, não parou por cansaço.

Parou porque reconheceu.

Por um instante, lembrou da mulher que havia se sentado ali semanas antes: cansada, insegura e cheia de dúvidas.

Ainda era ela.

Mas já não era a mesma.

O banco continuava o mesmo.

Mas a história... já era outra.

Maurício, ao seu lado, continuava balançando o corpo. Mas, entre um movimento e outro, levantou o olhar.

Encontrou o da mãe.

E, como quem descobre um caminho possível, aproximou-se e a abraçou.

Lúcia fechou os olhos por um segundo.

E naquele gesto simples, silencioso, sentiu algo que há muito tempo não vinha sem medo:

Esperança.